

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal (Belém-Pará)

Class.: 581

Data 14 de maio de 1985

Pg.: _____

Padre veio ver o impacto dos projetos sobre os indígenas

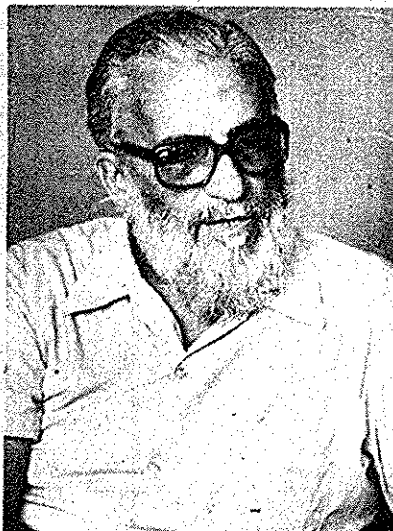
O padre jesuíta Antônio Iasi Júnior, depois de passar dois anos na Nicarágua como convidado do Centro Ecumênico Antônio Valdiveso, de Manágua, onde trabalhou em uma pastoral indigenista junto aos índios Niskito, encontra-se em Belém para assessorar o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) sobre os efeitos dos grandes projetos nas comunidades indígenas da Amazônia.

Nesse sentido, o padre Antônio vai averiguar em que proporções os índios estão sendo atingidos, como minorar suas situações e quais as providências a serem tomadas. Ontem, padre Antônio revelou que serão pesquisados os projetos do complexo da hidrelétrica de Altamira, no rio Xingu, que será iniciado dentro de 30 meses; e de Santa Izabel, no rio Araguaia, previsto para começar em 22 meses.

Busca de informações

No que diz respeito ao primeiro projeto, existem os índios Assurini e os Arara, um grupo arredio e sem contato mais estreito com a civilização, e os Kaiapós, às margens do rio Iriri. Já no segundo projeto, às margens do rio Araguaia, existem os índios Gavião, que ocupam a área indígena de Mãe Maria, no município de Marabá.

"Estamos chegando para buscar informações, o que se tornou possível depois da abertura da Nova República. Antigamente isso não era possível, pois se vivia de pacotes e estes, quando chegavam, vinham amarrados e



Padre Iasi trabalhou durante dois anos com os índios Niskito, da Nicarágua

depois nos amarravam também", disse o padre.

Ex-secretário executivo do Conselho Indigenista Missionário, o padre Antônio revelou que, na próxima semana, viajará para São Luís, para participar do encontro nacional do Cimi, quando serão tratados assuntos referentes ao projeto Carajás, suas particularidades e influências na região.

Primeiro contato

Padre Antônio trabalha há 22 anos com os silvícolas e, no Brasil, lidou

com as tribos Canceiro, Pareci, Nhambiquara, Iranche e Beço-de-Pau ou Suyá, no Mato Grosso. Esta, por seu intermédio, realizou o primeiro contato com os brancos. "Os índios suyá estiveram hostis até 1967. Os seringueiros, objetivando entrar em suas terras, envenenavam, com arsênico, uma certa quantidade de açúcar. Depois deixavam de press e para os índios", contou o padre.

A sua primeira missão na Amazônia, em 1972, quando se criou o Cimi, consistiu em percorrer toda a Transamazônica na qualidade de assessor do secretariado das missões da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), visitando todas as dioceses e prelaças que iriam ser cortadas pela rodovia. "Os projetos da usina hidrelétrica de Tucuruí e Grande Carajás são fatos consumados: os índios Parakanã foram os grandes prejudicados, pois foram deslocados para outra área, e as suas terras encontram-se em litígio. Os grandes projetos têm seus estudos apenas quanto à viabilidade econômica, mas não se levam em consideração os aspectos sociais, como aconteceu, por exemplo, com a construção de Itaipu", contou padre Antônio.

Referindo-se ao seu trabalho na Nicarágua, padre Antônio salientou que consistiu em um problema bem mais complexo do que no Brasil, "pois se trata de um povo empobrecido, principalmente depois da vitória sandinista, pois as grandes empresas de minérios e pesqueiras se retiraram do país, criando uma situação bem mais grave".